

António Osório - ou a poesia como libertação

Trinta anos depois do livro de estreia (*A Raiz Afectuosa*, 1972) e após tantos outros títulos, António Osório reincide agora com um novo livro, não só para valorizar uma obra poética que se tem revelado como das mais singulares dos anos oitenta e noventa, mas sobretudo para à beira dos seus setenta anos reafirmar, como fez em *Crónica da Fortuna* (1997), que o quotidiano mais imediato, em prosas comovidas, se prende uma vez mais ao sentido profundo dos poemas deste *Libertação da Peste*.

Através dos poemas celebra-se com intencional insistência as raízes mais fundas e longínquas vindas dos gregos ou de uma certa poesia "primitiva" e pelas prosas, num estilo límpido e objectivo, reabilita-se a memória e os gestos de quem se não perdeu na vida e retoma nos fios entrelaçados da própria escrita esse propósito de uma vez mais proclamar: "*Haveria sempre quem deseje / seguir-me por dentro / das trevas, e de mim terá nostalgia, / porque eu acariciei as feras / e liberto da peste*".

Na brevidade da sua expressão e no tom delicadamente elaborado de um "discurso poético" cujos contornos se adivinham de livro para livro, António Osório volta ao primeiro plano da nossa poesia e este seu *Libertação da Peste* é assim mais uma pedra colocada na confirmação de uma obra que se distingue e pessoaliza de forma inegável a sua "lavoura arcaica" no acto e no modo de cantar e enaltecer o que é próprio das extremidades da terra e, por cima das montanhas, de pés bem assentes no chão, ainda na memória de Orfeu, saber que afinal

*Não foi de todo em vão que perdi Eurídice:
consegui que os suplícios
dos condenados fossem interrompidos,
e que os três Juízes
chorassem com o lamento do meu canto.*

António Osório
LIBERTAÇÃO DA PESTE
Gótica / Lisboa, 2002.